

“CHACUN SON TOUR D’ÊTRE MANGÉ”¹: MEMÓRIAS SENTIMENTAIS DE UM ANTROPÓFAGO APOSENTADO

Artigo publicado em Belo Horizonte: Marginália Lab, 2010 (Catálogo).

“Na geléia geral brasileira, alguém tem que fazer o papel de medula.”

Décio Pignatari

No prefácio de Serafim Ponte Grande, Oswald de Andrade torna pública sua fase de militância política, com posturacítica à atitude de vanguarda estética, que havia capitaneado desde os preparativos para a Semana de Arte Moderna de 1922. Convertido ao Marxismo, coloca entre parêntesis o ethos antropófago que havia difundido, em 1928, com o conhecido Manifesto em que decreta: “Só me interessa o que não é meu. Lei do homem. Lei do antropófago”. O objetivo deste artigo é discutir como este desvio permite perceber um fio condutor que coloca a obra de Oswald como definidora de uma visão de Brasil bastante particular: por um lado marcada por expectativas e finalidades que perderam o sentido nos tempos correntes, pouco afeitos a esperanças ou visões definitivas; por outro, interessada em propor cenários MARCUS BASTOS de futuro mais autônomos, e reinventar o ocidente (especialmente sua porção colonizada), ao colocar em crise suas formas predominantes de pensamento, assentadas sobre o que ele denomina de filosofia messiânica.

Oswald de Andrade (um dos fundadores do Modernismo) abandona certa poesia, em favor de uma escrita contaminada pelo que Villém Flusser chama de substratos da realidade². A esta altura, o verso inicial do Manifesto da Poesia Pau-Brasil ganha um sabor curioso de profecia involuntária (que assume um sentido provavelmente bastante diferente daquele pretendido no momento de sua escrita): “A poesia existe nos fatos”. Em roupas de romancista e dramaturgo, Oswald de Andrade “diz que, como tantos outros de sua geração, passara pela experiência vanguardista por efeito de uma inquietude mal compreendida, que ignorava a origem social e o fundo político de seus anseios”³. Entendida de forma literal, esta posição é um dos aspectos superados do imaginário oswaldiano. Mas seria curioso examinar até que ponto há ruptura entre linguagem e mundo em seus trabalhos desta segunda fase, e até que ponto há intersecção entre escrita e sociedade⁴.

O que resta deste deslocamento revela um problema de fundo que talvez represente a contribuição mais contundente e duradoura da visão de mundo oswaldiana para um debate sobre a produção cultural brasileira. Com ou sem Antropofagia, sua obra permite sonhar formas de produção autônoma, num Brasil então ainda mais marcado pela colonização que hoje. É uma questão que ecoa, com sinal invertido, no texto de Roberto Schwarz sobre a relação entre pensamento brasileiro e estrangeiro, “Nacional por Subtração”: “Brasileiros e latino-americanos fazemos constantemente a experiência do caráter postiço, inautêntico, imitado da vida cultural que levamos”⁵. São dois pontos-de-vista divergentes sobre esta relação com o outro marcante na vida do país. Mas não são pontos-de-vista excludentes. Ambos apontam para o mesmo processo de reprocessamento, mas identificam resultados diferentes,

¹ Trecho da peça Ubu Roi, de Alfred Jerry.

² Flusser, Vilém. “Coincidência Incrível”, in: Da Religiosidade. A literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002.

³ Cf. Nunes, Benedito. “Antropofagia ao alcance de todos”, in: Andrade, Oswald de. A utopia antropofágica. São Paulo: Globo / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

⁴ Este aspecto da obra oswaldiana será examinado mais cuidadosamente em palestra a ser apresentada no evento InterActivos '10, ampliando os temas condensados no texto. Um ponto-de-vista para esta reflexão é a proximidade entre Oswald de Andrade e algumas idéias de Vilém Flusser sobre mudanças culturais resultantes de desdobramentos tecnológicos. A proximidade, sob este aspecto, do pensamento de ambos permite levantar a hipótese de que

CHACUN SON TOUR D'ÊTRE MANGÉ": memórias sentimentais de um antropófago aposentado. Artigo publicado em: Marginália Lab, 2010 (Catálogo).

um inventivo, outro parasitário. Não é mais possível pensar o tema sem os devidos ajustes e recontextualizações, no estágio atual de cruzamentos transnacionais na economia, na política, na cultura. O redesenho geopolítico em andamento (com maior importância mundial da China, do Brasil, da Índia, e menor hegemonia dos Estados Unidos e da Europa) não autoriza, no entanto, um otimismo exagerado sobre os novos papéis assumidos por antigos colonizadores e colonizados. Tanto a potência ressignificante da antropofagia quanto a sombra anódina da inautenticidade reiteram a amplitude deste movimento de recolocação do estrangeiro no interior da cultura brasileira, neste momento em que o país recoloca-se diante de um mundo de instabilidades e latências inéditas.

Importante: o tipo de alteridade instalada nesse processo não tem qualquer teor essencialista ou meta físico. Um dos vetores que conduzem a crise da filosofia messiânica, texto em que Oswald de Andrade amplia o escopo do pensamento antropófago é, como já foi sugerido no início deste artigo, a desconstrução da metafísica ocidental, num gesto derridaeno *avant la lettre*. O ensaio, menos conhecido que os manifestos oswaldianos, propõe uma genealogia das práticas de deglutição, que retorna às formas ancestrais de "transformação do tabu em totem"⁶. Oswald de Andrade se apóia na análise freudiana de como se dá, em certas comunidades primitivas, esta relação de fluxo entre instinto e cultura (que transforma arquétipos em leis, numa explicação rápida e rasteira de um processo mais complexo, que não cabe detalhar neste artigo).

Para o autor das Memórias Sentimentais de João Miramar, a forma como o homem se relaciona com estas pulsões, transformadas em visões de mundo, resultam em modelos opostos, "que dividiram a história em Matriarcado e Patriarcado": "Aquele é o mundo do homem primitivo. Este, o do civilizado. Aquele produziu uma cultura antropofágica, este, uma cultura messiânica"⁷. A partir desta dualidade, Oswald propõe refundar o Brasil como matriarcado de pindorama. Sob a égide da deglutição. Mas, talvez, este seja um aspecto hoje menos importante que a necessidade de um gesto constitutivo. Comer ou não comer: a questão é menos de estômago e mais de vísceras. Apesar do tom arqueológico, ofoco do texto, que foi preparado para concurso de ingresso na cadeira de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, não é apenas o passado. O caráter visionário do pensamento oswaldiano aparece em lances de antecipação dos rumos da cultura contemporânea, como a proposta de ler a história a partir de uma chave em que o homem natural, pré-histórico no sentido técnico do termo, e o homem civilizado, rodeado de escrita e história, levariam a uma síntese resultante no "homem natural tecnizado".

Para além das relações mais imediatas entre antropofagia e as práticas de reciclagem e gambiarra marcantes na produção digital recente, o pensamento oswaldiano (especialmente nestes ensaios que revisitam o tema já com certo distanciamento) sugere chaves para ir além da deglutição, e pensar formas de inovação autônomas. Mesmo quando marcadas pela ironia, as práticas antropofágicas mantêm-se sob a sombra indelével do outro, que às vezes exerce potência capaz de minimizar a alteridade em jogo. Na atual conjuntura, o Brasil vive um cenário de crescimento da produção intelectual que, se associado a um formato de empreendedorismo consistente, pode resultar numa posição mais próxima de outros países emergentes como Índia e China, onde as práticas inovadoras tem penetração social mais ampla (e, portanto, capacidade de transformação social mais duradoura).

Esta energia autônoma é uma característica necessária, para sustentar a atual posição ascendente no cenário geopolítico mundial, que se redesenha como fruto da estabilidade econômica conquistada nas últimas décadas⁸. Em certo sentido, a permanência do ethos antropofágico, especialmente nos formatos mais diluídos, bloqueia formatos de inovação dissociados de agendas externas, desinteressados de necessidades percebidas no próprio contexto em que serão gestadas. Esta inovação autônoma ainda é tímida no Brasil, a despeito do crescimento significativo da

outros elementos de suas obras são igualmente comparáveis, inclusive um entedimento complexo das relações entre linguagem e mundo que dificulta separar de forma muito nítida a busca por novos formatos de linguagem de uma busca por novos arranjos sociais e políticos.

5 Cf. Schwarz, Roberto. "Nacional por Subtração", in: Que horas são?. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. PESQUISADORES.

6 Cf. Andrade, Oswald de. "A crise da filosofia messiânica", in: A utopia antropofágica. São Paulo: Globo / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

7 Cf. Andrade, Oswald de. "A crise da filosofia messiânica", in: A utopia antropofágica. São Paulo: Globo / Secretaria de Estado da Cultura, 1990.

8 Cf. Mota, Ronaldo. "Cenários da Educação Superior Brasileira em Dez Tendências". Palestra inaugural do 2º semestre acadêmico de 2010, na Universidade Anhembi Morumbi.

CHACUN SON TOUR D'ÊTRE MANGÉ": memórias sentimentais de um antropófago aposentado. Artigo publicado em: Marginalia Lab, 2010 (Catálogo).

infra-estrutura tecnológica, que garante a setores sociais antes excluídos acesso mais amplo aos circuitos de produção e consumo.

Os modelos mais comuns na indústria do país (inclusive na indústria do entretenimento) ainda são refratários a experimentalismos que buscam conciliar potência de linguagem e capacidade de transformação política. Há exceções, mesmo que poucas. Uma iniciativa importante, neste sentido, são os Redelabs, "uma plataforma de pesquisa e desenvolvimento com o objetivo de buscar pontos de contato entre o referencial internacional de medialabs-laboratórios de experimentação em novas mídias - e as características únicas do que vem se desenvolvendo como uma cultura digital brasileira"⁹.

⁹ <http://redelabs.org/wikka.php?wakka=RedeLabs>

Este elo deslocado, que permite retomar aspectos mais estruturantes do pensamento oswaldiano, ultrapassa as proximidades (já bastante estabilizadas) entre a antropofagia e as poéticas digitais atuais. Ele sugere brechas que permitem ampliar os diálogos entre sua obra e a necessidade de práticas sustentáveis. Surge, assim, um Oswald tão potente quanto o antropófago, quase flusseriano ao propor a síntese que leva ao homem tecnizado. Um autor que precisa ser relido em filtro compatível com os tempos atuais, algo que não acontece desde seu resgate pela Poesia Concreta.

Tanto Oswald quanto seus sucessores nas trincheiras poéticas da paulicéia (responsáveis, de resto, por tirar o pensamento oswaldiano de um esquecimento provavelmente gerado por suas atitudes pouco populares, mais que pela proposta radical de entendimento da cultura brasileira) passaram por dificuldades de ter suas idéias legitimadas, num contexto em que pensar um homem tecnizado parecia contrário ao ritmo da geléia geral brasileira. Hoje ficou mais simples advogar em favor da tecnologia, em tempos de redes e dispositivos mais acessíveis ao público que os biscoitos finos fabricados em outras épocas.

Neste sentido, mais que retomar a face evidente do projeto oswaldiano, ao aproximar a metáfora da deglutição de procedimentos de reciclagem, talvez seja hora de buscar formas de autonomia, em gesto que nega o ethos antropófago, sem deixar de ser oswaldiano: afinal, matar o pai é esperado, num contexto de releitura do freudismo em que a cultura do outro surge como território e campo de possibilidades.

Marcus Bastos é doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É professor do Mestrado em Design da Universidade Anhembi-Morumbi, e do departamento de artes da PUC-SP. Organizou, com Lucas Bambozzi e Rodrigo Minelli, o livro Mediações, Tecnologia e Espaço Público: Panorama Crítico da Arte em Mídias Móveis. esenvolveu, com o grupo LAT-23, o webdocumentário Cidades Visíveis e o mapeamento da Rua Augusta 2346. Criou, com Dudu Tsuda, a composição audiovisual ausências. É curador do Vivo ARTE.MOV — Festival Internacional de Arte em Mídia Móveis. Coordena o Grupo de Estudos Design: Interfaces entre Espaço Público e Redes Ubíquas, inserido no Grupo de Pesquisa CNPq Net Arte: perspectivas criativas e críticas, que lidera com Giselle Beiguelman.